

# Biocivilização, a civilização da vida em rede: "Seja o mundo que você quer ver na mudança".<sup>1</sup>

By Sandra Campos<sup>2</sup>

## Prefácio

Em Belém, capital do Estado de Pará, Brasil, situada na desembocadura do rio Amazonas, se realizou o Fórum Social Mundial (FSM) no ano de 2009. Sem sombra de dúvidas, um dos pontos mais destacados desse histórico encontro x foi a intervenção de Leonardo Boff, quem planificou com clareza e assertividade que o Paradigma Civilizatório dominante nascido da modernidade, cuja essência é o antropocentrismo, estava vivendo uma crise terminal, anteriormente apresentava um grande desafio para a humanidade no sentido de consolidar um novo Paradigma de Convivência Planetária diferente do que estava se autodestraindo.

---

<sup>1</sup> CAMPOS, Sandra. (2024) *Se el cambio que quieres ver en el mundo*. Ed. Espacio del Silencio.. Cap. 1.

<sup>2</sup> Ecologista, advogada, pós graduada em Governança de cidades. Universidade de Barcelona, diretora de [www.imagocatalunya.org](http://www.imagocatalunya.org) directora do 4t Seminari Internacional de Convivencia Planetária: Construindo Biocivilização - Barcelona <http://www.imagocatalunya.org/seminari-2016/>

Igualmente destaco que este novo paradigma tratava de uma nova maneira de viver e conviver todos os seres vivos do planeta terra, regida pelo respeito a natureza, desde a perspectiva da ética do “cuidado”.

Esta proposta, que teve um eco global entre os movimentos antiglobalização e outros atores sociais, viveu um segundo momento determinante na sua maturação reflexiva, dois anos depois, com o Congresso Internacional “Biocivilização para a Sustentabilidade da Vida e do Planeta”, em 2011 no Rio de Janeiro, na sede de IBASE Brasil , na qual *Imago Barcelona (Cataluña – España)* foi convidado a participar. Esse congresso teve como objetivo de alinhar-se com a preparação da Conferência Ríó+20, que estava próxima a acontecer nessa mesma cidade no ano seguinte. Esse congresso se realizou com base em três perguntas: “Um novo paradigma de convivência planetária: com quais fundamentos éticos? econômicos? e políticos?”

Muitas entidades que participaram ficaram entusiasmados pela participação de Leonardo Boff no FSM de Belém. IMAGO (Barcelona), por outro lado , concentrou toda sua capacidade de trabalho com o desejo de contribuir seu grão de areia nesse direção. Foi assim que se organizou a partir de 2011 o quatro Seminários Internacionais de “Convivência Planetária Construimos Biocivilização” na cidade de Barcelona, com a participação de Chico Whitaker – um dos oitos fundadores do Fórum Social Mundial de Brasil e prêmio Nobel alternativo de Economia-, Vandana Shiva, líder mundial do Ecofeminismo e igualmente premio Nobel alternativo de Economia, entre outros convidados especiais. Nesses seminários, foi feita uma troca de idéias centrais , com a qual se alimentou o trabalho que estão desenvolvendo milhares de pessoas, organizações e movimentos sociais a níveis pessoal, local e global em todo o mundo.

Acreditamos que a humanidade está vivendo uma crise sistêmica global que afeta a todos os níveis do ser humano, tanto interno -valores, crenças...- como exterior -organização social, econômica ,política, financeira....A verdade é que a humanidade tem sido acompanhada ao longo da história por muitas crises, também é verdade que , nesse momento, é a primeira vez na história que a humanidade por si só, tem colocado em jogo a estabilidade do planeta e portanto, o equilíbrio da vida e da sua própria sobrevivência.

Entrando em modo “Biocivilização”.

Estamos em um momento histórico de crise e de mudança, em meio a uma conjuntura determinante, como um passo de uma época a outra, mas ainda não temos claro para onde vamos como humanidade. Por muito tempo, e em diferentes pontos do planeta, tem surgido vozes nos alertando da necessidade de ter consciência do que está passando, e acima de tudo, da importância de mudar, tanto a nível de consciência , como das nossas ações.

Entretanto, por enquanto não temos um consenso global no assunto, que nos impulse urgentemente a tomar ações concretas . Devemos trabalhar e construir esses consensos nesse sentido. Por isso , nesse momento histórico é tão oportuno viabilizar, fortalecer e acabar de dar uma forma a um “Novo Paradigma de Convivência Planetária”, na qual, sem dúvida , já está presente no planeta Terra , aproveitando das milhares de experiências que a humanidade tem construído nesse sentido, tanto agora como através dos séculos e que majoritariamente , não tem sido dominantes; isso permitirá a cada um de nós ter referências que nos ajudem a mudar nossa mentalidade e nossa vida cotidiana, e na qual terminará tendo sua devida repercussão nos grandes cenários sociais, políticos e econômicos.

Como podemos avançar nesse sentido? Acreditamos que o diálogo é imprescindível para o intercâmbio de conhecimento, aprendizagem mútua, respeitando como vem sendo implementado essas mudanças a nível individual e coletivo, viabilizando experiências de Oriente e Ocidente que nos ensinem outras maneiras de nos relacionar com os outros seres humanos, as diferentes manifestações da vida e com a nossa mãe Terra.

Nesse ponto, vale dizer que o termo “paradigma” se origina da palavra grega *parádeigma*, que por sua vez se divide em duas palavras “*pará*”(junto) e “*déigma*” (modelo). Em geral , etimologicamente significa «modelo» ou «exemplo». Provavelmente o uso mais comum de paradigma envolve o conceito de “cosmovisão”. Por exemplo, em ciências sociais, o termo se utiliza para descrever o conjunto de experiência, crenças e valores que afetam, a forma como um indivíduo percebe a realidade e a forma em que responde a

essa percepção específica. Devemos ter em mente que o mundo também é compreendido através do paradigma, que por si só, o significado de paradigma tem a ver com a forma pela qual entendemos o mundo, a humanidade, e claro, as realidades próximas ao conhecimento.

Um "paradigma dominante" se refere a valores ou sistemas de pensamento que dominam em uma sociedade concreta e em um momento histórico determinado. Os paradigmas dominantes são compartilhados pela bagagem cultural da comunidade e pelo contexto sociopolítico que o caracteriza".<sup>3</sup>

Os paradigmas dominantes mudam, ou por um feito científico, ou porque são questionados em sua essência.

Um exemplo de mudança de paradigma civilizatório provocado por um fato científico foi a passagem da Idade Média para o Renascimento. Aquele foi um momento histórico, de enorme efervescência impulsionado pelo surgimento de novas ideias, a busca incessante de novas interpretações e explicações da vida mais de acordo com as leis da natureza, uma época de descobrimentos, invenções, conquistas, que Nicolás Copérnico traduziu para um nível científico em sua teoria heliocêntrica, na qual demonstrou que os planetas não giravam ao redor da Terra, como sustentado pelo poder político-religioso e econômico dominante, e sim que giravam ao redor do sol, como sabemos hoje em dia e com tanta obviedade que nem ao menos questionamos, porque nascemos dentro de um paradigma dominante em que isso é dado como certo.

Nesses momentos da história, Nicolás Copérnico não alcançou grande receptividade em suas ideias, porque se opunham ao paradigma de pensamento dominante, baseado no modelo Ptolemaico. Foi décadas mais tarde que Galileu Galilei e Kepler culminaram com seus trabalhos científicos, e essas novas ideias, geraram o impulso necessário para que a mudança de paradigma abrisse caminho sem volta. A igreja e o poder estabelecido por seu lado encontravam nisso uma agressão aos dogmas, na qual seu poder estava baseado, e, portanto,

---

<sup>3</sup> <https://es.wikipedia.org/wiki/Paradigma>

o faziam vacilar. Mas a mudança já era impossível de parar. O paradigma dominante, assim como agora, já estava desmoronando, e por sorte, não se pode deter.

Aqueles de nós, que estamos vivos nesse momento, nascemos em um mundo marcado basicamente marcado pela razão e pela ciência, desde uma perspectiva cartesiana e newtoniana, na qual entre os precursores está Nicola Copérnico com suas novas ideias. Este paradigma nos determina antes mesmo de nascermos, uma forma de pensar que nos orienta a maneira de vermos, entendermos, sentirmos e interpretarmos aquilo que consideramos a realidade.

A essência do atual paradigma civilizatório dominante e a crise estabelecida no antropocentrismo surgido no Ocidente com a modernidade que colocou o ser humano no topo e no centro da criação. Este ser humano, do seu egoísmo, irresponsabilidade e falta de consciência, acreditou que tinha o direito de subjugar, transformar, depredar, extinguir, contaminar, empobrecer, destruir ...tudo que estava a seu redor. Dita convicção absurda de ser os amos e senhores de tudo o que foi criador nos levou a gerar um sistema e um modelo que nos deixa à beira do precipício. Desta vez o paradigma dominante está sendo questionado na sua essência pelo Novo Paradigma que está sendo instalado e fortalecido.

A essência do “Novo” Paradigma de Convivência Planetária, é “o cuidado com o tecido da vida”, essa rede na qual todos os seres vivos fazem parte-humanos, animais, natureza, planeta-de uma maneira interdependente, na qual irredutivelmente estão relacionadas todas as partes, constituindo dessa maneira uma totalidade interconectada, o que podemos chamar de uma “Biocivilização” a civilização da vida.

Esta estrutura de rede, implica outras lógicas diferentes que devem ser adequadas a sua interdependência e ao tecido. Por exemplo, necessita do equilíbrio em todas suas expressões para poder se manifestar e se projetar no tempo, requer que o ser humano, como parte desta rede da vida, se relacione consigo mesmo, seus semelhantes e com o que está em sua volta desde uma consciência diferente, impregnada de responsabilidade, cuidado, sensibilidade, solidariedade, amor, compaixão e fraternidade, sabendo que como espécie, somos os maiores responsáveis de zelar pelo equilíbrio planetário para que a vida continue se manifestando em todo sua plenitude.

Para dar força e visibilidade a este florescente paradigma civilizatório de convivência planetária, Biocivilização, é necessário refletir sobre os princípios éticos que devem reger nossas ações, assim como repensar e mudar o modelo econômico atual e igualmente pensar e construir alternativas justas e equitativas para a organização do poder, de maneira que esteja ao serviço do cidadão da rede da vida em seu conjunto, incluindo o Planeta Terra, como ente vivo que é, e que goza de inteligência natural.

As reflexões biocivilizatórias, se concentram nesse momento em três pontos centrais ou perguntas fundamentais, a seguir :

1. Com quais valores ou virtudes ? (ética)
2. Com qual modelo econômico? (economia)
3. Com quais estruturas de poder, qual governança global? (política)

A humanidade com seu modelo de vida e consumo excessivo, irresponsável e inconsciente, majoritariamente aceito e praticado por cada um de nós, tem esgotado os recursos naturais do planeta Terra, nossa única CASA COMUM, como o Papa Francisco citou em seu “Encíclica Laudato Si”<sup>4</sup>.

Com a maneira de viver nesse planeta, mencionado anteriormente, deixamos de dar o tempo necessário para a Terra recuperar-se do impacto ecológico que nós humanos vamos deixando nela, “O impacto ecológico é um indicador do impacto ambiental gerado pela demanda humana que são feitos os recursos existentes nos ecossistemas do planeta, relacionando-a com a capacidade ecológica da Terra de regenerar seus recursos”. Como bem explicou Leonardo Boff em seu documento do mês de setembro:

“...No dia 13 de agosto de 2015, ocorreu o “Dia da Sobrecarga da Terra” (*Earth Overshooting Day*), como nos informou a Pegada Ecológica Global (*Global Footprint Network*) que, junto com outras instituições como WWF e *Living Planet*, seguem sistematicamente o estado da Terra. A demanda ecológica humana (a quantidade de bens

---

<sup>4</sup> Documento ¡Laudato si! SOBRE EL CUIDADO DE LA CASA COMÚN. web: [http://m.vatican.va/content/francescomobile/es/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://m.vatican.va/content/francescomobile/es/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html) 4 Wikipedia.org/huella-ecológica

e serviços que necessitamos para viver) tem sido sobrecarregada. As reservas da Terra estão se esgotando, e necessitamos 1,6 planetas para atender as nossas necessidades, sem considerar aquelas muito importantes na grande comunidade da vida: fauna, flor, microrganismos. Palavras do nosso diário viver: nossos créditos estão em vermelho. Até 1961 necessitávamos somente de 63% da Terra para atender a nossas demandas. Com o aumento da população e do consumo, em 1975 já necessitávamos de 97% da Terra. Em 1980, 100,6%, a primeira Sobrecarga Ecológica Planetária. Em 2005 alcançamos a cifra de 1,4 planetas. E, em agosto de 2015, 1,6 planetas . Sem uma mudança de consciência que nasça da reflexão profunda pelo cuidado desse lar, NOSSA CASA COMUM, em cada pessoa do planeta, as probabilidades de um cenário apocalíptico se incrementam para um futuro não muito distante ."<sup>5</sup>

Biocivilização é articulado a “Espírito de mudança na Época em que nos encontramos”, como estratégia de pesquisa, diálogo, articulação e construção coletiva a nível planetário de um caminho comum que nos ajude a sair da crise sistêmica em que nos encontramos de uma maneira benéfica para a rede da vida, a qual também faz parte do planeta ,sem ser um guia político ou acadêmico, muito menos decálogo dos passos a seguir; mas sim um respeitoso convite para avançarmos pelo caminho da mudança essencial, quer dizer, radical e não violento.

Inspirada nas reflexões de Leonardo Boff no Fórum Social Mundial, FSM de Belém - Brasil (2009) , Candido Grzybowski – Brasil (2011) e Chico Whitaker -Barcelona (2016), Biocivilização, tem sido alimentado , em curto prazo, pelas experiências e práticas cotidianas de milhares de mulheres e homens que, de forma individual e coletiva, estiveram e estão fazendo mudanças de maneira concreta em suas práticas cotidianas e a seu redor. Essa mudança implica em vários cenários que de maneira simultânea devemos trabalhar , tal como

---

<sup>5</sup> BOFF, Leonardo. No hay más recursos en Nuestra Casa Común, 2015. Artículo publicado en la columna semanal de Leonardo Boff <http://www.servicioskoinonia.org/boff/articulo.php?num=727>

foi proposto no 4º Seminário de Convivência Planetária: Construimos biocivilização <sup>6</sup>, na direção de um novo paradigma de convivência planetária, celebrado na cidade de Barcelona em abril de 2016: “De dentro para fora e de baixo para cima”. Como também refletido na época o economista, ambientalista e político chileno Manfred Max Neef:

“Fascinante saber que se eu mudo, pode acontecer algo que , em consequência resulte em uma mudança no mundo. Mas temos medo de mudar. Sempre é mais fácil tentar mudar os outros. Espero que chegue o dia em que cada um de nós seja o suficientemente valente para poder dizer, com toda honestidade: “Sou, e porque sou me parte dele... Me parece que este é o caminho a seguir se queremos colocar fim a uma maneira estúpida de viver”.<sup>7</sup>

Efetivamente, todos nós podemos e devemos contribuir com a mudança de convivência planetária, os que ainda não o fizeram , poderiam começar a aceitar a parte de responsabilidade que cada um de nós temos nisso, e como resultado disso, retomar nosso poder para mudar as coisas no mundo que nos rodeia de uma maneira mais próxima, e desde aí, contribuir com as grandes mudanças que são necessárias a nível planetário. Como disse Gandhi “Seja a mudança que voce quer ver no mundo no mundo”, esse será um grande passo a frente que é necessário com urgência, mas não será suficiente, teremos que caminhar juntos muito longe.

A articulação de toda essa mudança de consciência, práticas, consumos, incidência política tanto a nível individual como coletivo, se fortalecerá a nível local e planetário na medida em que vao se somando, multiplicando e replicando, mediante trocas , aprendizado mútuo, articulações, conexões ... de tudo que já está em curso, aproveitando diferentes canais tanto físicos como virtuais, na qual o diálogo, a troca e a reconfiguração sejam possíveis. Estou falando, por exemplo, das conversas em família, dos cafés, praças públicas, redes sociais, movimentos sociais, Internet, escolas, universidades, espaço de formação, de contemplação...

---

<sup>6</sup> [www.biocivilizacion.org](http://www.biocivilizacion.org)

<sup>7</sup> Max –Neef. Manfred, Desarrollo a Escala Humana (1994) Editorial ICARIA. Barcelona



Biocivilização também é uma abordagem estratégica, que convida a realizar a mudança agora que ainda estamos a tempo de virar a história, evitando cair no abismo que já está aberto diante de nós e que Leonardo Boff descreve assertivamente da seguinte maneira:

“Não existe mais recursos na Nossa Casa Comum <sup>8</sup> ... Para completar a análise, devemos considerar a pesquisa feita por 18 cientistas sobre “Os limites planetários: um guia para o desenvolvimento humano num planeta em mutação” publicada na prestigiosa revista Science de janeiro de 2015. Dessa forma se elencam 9 fronteiras que não podem ser violadas, caso contrário, colocamos em risco as bases da vida no planeta (mudanças climáticas, extinção de espécies, diminuição da camada de ozônio; acidificação dos oceanos, erosão dos ciclos de fósforo e nitrogênio, abusos no uso da terra como desmatamentos, escassez de água doce, concentração de partículas microscópicas na atmosfera que afetam o clima e os organismos vivos; introdução de novos elementos radioativos, nano materiais, microplásticos).

Quatro das nove fronteiras foram ultrapassadas, mas duas delas – a mudança climática e a extinção das espécies – que são fronteiras fundamentais, podem levar a civilização a um colapso. Foi o que concluíram os 18 cientistas.”

De 2005 a 2024, tudo tem piorado rapidamente, portanto, a abordagem em Biocivilização, e de todos aqueles que se sentem parte dela, é indiscutível: a mudança global depende da decisão que cada ser humano toma, e que consiga mudar radicalmente suas práticas, valores, consumo e sua participação nas novas nacionalidades locais e globais.

---

<sup>8</sup> Encíclica del Papa Francisco ¡Laudato si! SOBRE EL CUIDADO DE LA CASA COMÚN. Se puede bajar de: [http://m.vatican.va/content/francescomobile/es/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_encyclica-laudato-si.html](http://m.vatican.va/content/francescomobile/es/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html)

## Com quais valores ou virtudes? (ética)

Nessa perspectiva biocivilizatória, existem virtudes fundamentais como: o cuidado, a responsabilidade, a solidariedade, a fraternidade... que vem sendo discutidas, difundidas e refletidas durante décadas. Para fortalecer uma Biocivilização devemos agir imediatamente, tanto em nosso projeto de vida, como no projeto coletivo. A reflexão é importante, mas sem a ação, não vale de nada.

Por comodidade, talvez de forma inconsciente, temos concedido nosso poder a outros com interesses econômicos, permitindo-lhes definir nossas vidas e facilitando que eles executem seu trabalho através do nosso padrão de consumo e nossos medos. Também demonstramos desprezo, em geral, por participar como cidadãos ativos, como se os assuntos públicos, entendidos como assuntos que diz respeito a todos, já não nos preocupasse.

Foi-nos apresentado valores errados desde a infância, como o egoísmo, individualismo e a disputa. Estamos equivocados em pensar que a felicidade reside na posse de coisas materiais, quero dizer em “ter” e não em “ser”. Em essas atitudes, valores e pensamentos, temos contribuído com a perda do harmonioso equilíbrio do organismo vivo chamado Planeta Terra e a rede da vida que habita nele, e que por sorte, agora está buscando reestabelecer seu equilíbrio.

Entre as virtudes que se destaca na biocivilização, se ressalta os fundamentos éticos do “cuidado”, no qual se vem falando faz muitas décadas, especialmente por alguns movimentos feministas, propondo uma perspectiva de vida associada a proteção e cuidado da vida, atuando em todo momento, com responsabilidade, sabendo que afetamos, de um modo ou outro, os outros e ao nosso redor.

Outra virtude ética, que quero mencionar, é a “**solidariedade**”, que está presente na maioria dos movimentos sociais, nas ONG’s, esquerdas e alguns setores democráticos, entre outros. Ao definir solidariedade, devemos entender que está relacionada com a capacidade do indivíduo de se colocar no lugar do outro, comprometendo algo do seu projeto de vida nisso. Um coisa é sermos solidários, outra coisa é estarmos sensibilizados, em que implica que não sejamos indiferentes aos outros, mas nada fazemos para contribuir com essa mudança, enquanto na solidariedade existe esse envolvimento.

Agora mais do que tempos de sensibilização, são tempos de consciência e solidariedade, isso é de envolvimento pessoal, de compromisso, de ação e de mudança. Devemos desestruturar, decodificar e ao mesmo tempo, estruturar, recodificar, reconstruir: crenças, valores, atitudes, práticas,...

Biocivilização igualmente se inspira na “**fraternidade**”, que essencialmente é o mesmo que “amor” que dizem os cristãos, que é a mesma “compaixão” que dizem os budistas, o “rahma” - misericórdia dos mulçumanos, acredito que é o mesmo que “solidariedade” que planejam os movimentos sociais, entre outros;

Em suma, a fraternidade em uma perspectiva biocivilizatória é “a integração consciente” com a rede da vida, ao qual sempre pertencemos e estivemos interligados, interconectados e interdependentes, aqui é onde nasce a fraternidade, no fato de sermos membros dessa comunidade de vida.

Também é proposto em Biocivilização, que é imprescindível realizar uma “mudança de consciência” profunda, essencial e radical, que nasça do fundo do nosso interior, como expressado recentemente por Chico Whitaker, um dos 8 fundadores do Fórum Social Mundial “desde o fundo do nosso coração”<sup>9</sup>. É fundamental reconhecermos que temos feito coisas que nos pareciam normais, mas agora que sabemos que afetam nossa vida, a dos outros e a do planeta de maneira destrutiva ou agressiva, devemos modificá-las.

Importante construir nossa individualidade associando-a com responsabilidade, inspirada pelo equilíbrio(justiça) e harmonia, sendo conscientes que somos parte da comunidade da vida que habita no Planeta Terra.

Também destaco que, Biocivilização, igualmente se alimenta dos movimentos ecologistas e seu compromisso com a vida e com o planeta, como muitos deles expressaram em “A carta da Terra”, e outros movimentos sociais que têm nos ensinado outras práticas como solidariedade e compromisso... Da mesma forma, se baseia em paradigmas que não eram dominantes na época, mas que por sorte, para os que estão vivos hoje, tem sido

---

<sup>9</sup> Campos, S. (Comp.). (2015). CONSTRUIMOS BIOCIVILIZACIÓN. España: Editorial ICARIA. ISBN 9788498886467. Autores varios: WHITA KER. Chico, SHIVA. Vandana, MONEDERO. Juan Carlos, SANTANA, Pedro. GRZYBOWSKI. Cándido, MUÑOZ. Manuel Ramiro, AZAM. Genevieve, RECIO. Alberto, Aquí se encuentra el libro: <http://www.icariaeditorial.com/libros.php?id=1527>

conservado por grupos humanos. Me refiro por exemplo a culturas orientais, a cultura ancestrais indígenas de diferentes partes do mundo, que construíram diversas formas de viver e conviver diferentes da ocidental, mais harmônicas com a Terra e o universo, com base no respeito, contemplação, articulação com a natureza, tratando-a como um ser vivo do qual os humanos fazem parte.

Com qual modelo econômico? (economia)

O Novo Paradigma também deve ser analisado em termos de economia e política, substituindo a idéia errada de que podemos consumir ilimitada e irresponsavelmente, por outros lado, ajustado a realidade finita do nosso planeta cujos recursos também são finitos. Devemos ter claro que o atual sistema econômico baseado na extração, produção, venda e descarte de maneira ilimitada, não é possível sem que gere desequilíbrio no meio ambiente e social. Se seguirmos nesse caminho , no ano de 2050 ou antes, necessitaríamos de 2 planetas, ou mais, para satisfazer a demanda dos consumidores, tanto os antigos, basicamente localizado na Europa e Estados Unidos, como os novos, residentes especialmente nos países de economia emergentes, denominados BRIC's: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Vamos ter em mente: "necessitaríamos dois ou mais planetas" e somente temos um, por isso, ninguém pode consumir ou continuar consumindo da maneira irresponsável que temos feito até agora. Dessa maneira devemos pensar e seguir trabalhando na criação de economias cíclicas e em rede, que respeitem o ambiente e os outros seres vivos, em vez do sistema econômico linear de que sofremos.

Felizmente para a Humanidade desse planeta, tem surgido novas experiencias que nos mostra como é possível viver em paz e harmonia com o planeta e com os outros seres vivos, economias locais, orgânicas, ecológicas e equitativas, comércio justo, banca ética, energias limpas e renováveis como a solar e eólica, turismo responsável, vida interior, consumo responsável e com critério, cuidado das novas gerações de seres humanos através da formação em valores que tem a ver com a busca do equilíbrio entre o individual e o coletivo,

com a cooperação , cuidado apoio mútuo, solidariedade e fraternidade, em lugar da competência, individualismo e egoísmo a todo custo.

O modelo capitalista que encarna o paradigma atualmente dominante em crise, está chegando a um momento crítico , e com ele está levando o planeta a um ponto sem retorno, na medida que tem alterado as condições climáticas do planeta, necessárias para que a vida se mantenha e se manifeste em toda sua diversidade . Este modelo de economia tem desenvolvido uma economia al serviço do capital e de alguns de seus proprietários, acima do bem-estar da maioria dos seres humanos e outros seres vivos, causando pobreza, guerra, morte e destruição.

A economia capitalista da qual estamos falando, está condenada a desaparecer e a ser consumida por sua própria dinâmica de destruição e morte. Devemos de mudar e mudá-la, construindo uma economia do ser , que esteja a serviço de todos os seres humanos, que respeite o meio ambiente e a outros seres vivos, uma economia “a escala humana” dos quais comentou Manfred Max-Neef (1993), que nos permita outra forma de atender nossas necessidades de uma maneira justa, equilibrada y harmônica com todos os seres vivos.

É crucial adotar uma perspectiva radicalmente distinta sobre a economia. Tomemos como referência a abordagem do Butão , um país que avalia seu progresso através de um indicador que eles mesmos criaram: a Felicidade Interior Bruta (FIB). No Butão, considera-se que a qualidade de vida do seu povo não depende do desenvolvimento material ou do capital, e sim da sua capacidade para alcançar a felicidade. <sup>10</sup>

Em relação ao consumismo , que é o epicentro do funcionamento do sistema capitalista, é importante ser consciente do ciclo vicioso do consumo em que estamos completamente imersos. Se trata de uma dinâmica em que compramos e descartamos com a mesma velocidade e inconsciência, fortalecendo um modelo linear e infinito de extração, produção, distribuição, consumo e descarte em um mundo finito e limitado.

Isso se torna em um modelo econômico insustentável e inviável, como se demonstra os relatórios que surgiram em decorrência da crise ambiental que atravessamos. Tudo

---

<sup>10</sup> Negocios.com <http://www.negocios.com/noticias/butan-pais-mide-pib-felicidad-17102014-1726>

anteriormente idealizado e concebido por economistas e políticos liberais e neoliberais para que o sistema funcione de acordo com os interesses dos grandes negócios.

Como tenho dito em esses documento, a felicidade tem sido vinculada com a possessão, e conseqüentemente, neste modelo capitalista, sempre estará ligado ao consumo. No entanto, é importante recordar que, o simples fato de possuir coisas não nos faz nem melhores nem piores pessoas. Nossa qualidade como indivíduos se define pelos valores que guiam nossas ações e pelas práticas com as quais moldamos nossa vida todos os dias.

Como disse Boff:

“Queremos este destino para nossa única Casa Comum e para nós mesmos? Não temos alternativa: ou mudamos nossos hábitos ou iremos desaparecendo lentamente como a Ilha de Páscoa até restar apenas alguns representantes, talvez invejando os que morreram antes. Certamente, não fomos chamados a existência para conhecer um fim tão trágico. Seguramente “Tu, porém, poupas todas as coisas, porque todas pertencem a ti, Senhor, o amigo da vida.” (Sab. 11, 26). Mas não será por milagre , mas pela nossa mudança de hábitos e cooperação de todos.<sup>11</sup>

Com qual estruturas de poder, qual governança global? (política)

Observam-se movimentos espontâneos de cidadãos no mundo que se manifestam contraestruturas de poder, que não estão sujeitas a nenhuma estrutura política. Esses movimentos são geralmente promovidos por meio de redes sociais, e se caracterizam por uma abordagem deliberativa e democrática para abordar suas preocupações, com um modelo de assembleia e participativo em sua base, como no caso do Occupy Wall Street (Estados Unidos da América), Indignados ou Movimento 15-M (Espanha), as manifestações de indignação (Brasil), as mobilizações de estudantes secundaristas chilenos, conhecidos como

---

<sup>11</sup> Boff, Leonardo El cuidado esencial Editorial Trotta, 2002.

os 'pinguins' (Chile)... A Revolução dos Guarda-Chuvas (Hong Kong-China), a Primavera Árabe (Países Árabes), os Black Blocks (Europa), os Coletes Amarelos (França), para citar alguns. Todos estão exigindo respostas urgentes e propondo alternativas holísticas para a grave situação de violação dos direitos essenciais de todos os habitantes da Terra, às relações viciadas entre os poderes econômico e político que prejudicam irremediavelmente o tecido social, cujas maiores prejudicados são os conhecidos "menos favorecidos"

Nesta conjuntura, é também crucial refletir sobre os movimentos sociais e as novas cidadanias planetárias que estão marcando o caminho mais favorável e ecológico para a totalidade da humanidade, a fim de avançar em direção a uma profunda e saudável reestruturação democrática da economia, da política e das instituições públicas como um todo. Os movimentos sociais devem sair para se manifestar pacificamente no espaço público, e com sua presença e reflexão, contribuir para a reorientação do nosso trabalho como humanidade.

Temos visto, que aos poucos uma parcela da população começou a voltar às ruas, recuperando o diálogo, a união, a crítica, a troca e a participação direta, pois o que poderia ser, senão essa, a base para a construção da vida e da democracia de uma sociedade? Essas são algumas formas de recuperar seu poder e participação, de buscar novas relações que os levem a outras estruturas, a novas formas de organizar o poder e de se relacionar com o Estado, em um marco de convivência local e global renovado.

Também observamos como várias cidades ao redor do mundo estão adotando práticas sustentáveis, aproveitando fontes de energia limpa, implementando sistemas de reciclagem, promovendo a participação do cidadão e estabelecendo políticas públicas. Além disso, existem países cujos governos deram passos significativos, como o Uruguai, onde seu ex-presidente, José Mujica, é uma referência destacada tanto como líder político quanto como pessoa que liderou uma transformação profunda, ou a Bolívia, que em sua constituição reconhece a Mãe Terra como sujeito de direitos, entre outras referências. Podemos ver que há muitas experiências e pessoas "mudando", vamos ajudar a impulsionar essa grande mudança em favor da teia da vida e do planeta Terra que já está em andamento.

O foco da Biocivilização e daqueles que se identificam com ela é claro: a mudança global depende da decisão que cada indivíduo toma neste momento e de como modifica suas práticas, valores, consumo e participação na mudança.

Dessa forma, convido-nos a fortalecer juntos um poderoso impulso coletivo que contribua para fortalecer e tornar visível um paradigma de convivência planetária, agora que ainda temos tempo, porque estamos vivos e podemos fazê-lo.

## Seja o mundo que quer ver na mudança

As ações pessoais, cotidianas, familiares e de proximidade, são fundamentais no processo de seguir construindo e fortalecendo, um novo modelo de convivência planetária, diferente daquele que nos trouxe até a crise atual.

No entanto, é necessário que essas ações pessoais, se entrelacem de maneira coletiva para que possam ter um impacto profundo e poderoso nas estruturas econômicas, políticas e sociais da organização humana a nível planetário.

Biocivilização, inspira uma organização em rede, que se constrói em uma perspectiva de dentro para fora das pessoas, e de baixo-a proximidade das comunidades-para cima, ligando desta forma, numa dimensão planetária, todas as pessoas que optam por uma convivência diferente da atualmente dominante e em crise.

Este florescente paradigma, restaura os seres humanos á sua posição interligada na teia da vida, da qual fazem parte, juntamente com os animais, as plantas e o planeta Terra. Esta visão é essencialmente diferente da visão antropocêntrica em este momento dominante e em crise.

Biocivilização não pretende ser um decálogo, nem um guia político o ideológico, mas sim um convite respeitoso para avançarmos juntos na direção de uma mudança essencial



tanto a nível pessoal quanto coletivo, nos referimos a uma mudança de consciência radical e pacífica que beneficie a rede da vida, em seu conjunto.

Biocivilização coloca a essência do florescente paradigma de convivência planetária, na rede da vida, na qual estamos interconectados, como destacamos, todos os seres vivos: humanos, animais, vegetais, e Planeta Terra, articulando-se ao espírito de mudança do nosso tempo, como estratégia para construir agora, um caminho comum através do diálogo, articulação, conexão, inter-relação e da construção coletiva, que nos tirará da crise sistêmica que enfrentamos e que beneficiará a toda a rede de vida que habita nosso planeta.

Sandra Campos, Barcelona, Fevereiro de 2024.